

# FACEBOOK COMO PANÓPTICO MODERNO: COMO A VONTADE DE CONTROLE EMANA DO INDIVÍDUO\*

Carlos Jordan Lapa Alves<sup>1</sup> e Sérgio Arruda de Moura<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

**RESUMO:** O panóptico destaca-se como mecanismo de controle e observação social do indivíduo contra o indivíduo. Pretende-se neste estudo refletir sobre o Panóptico enquanto instrumento utilizado como um dispositivo de visibilidade e controle social, um instrumento de exercício de poder. Em um segundo momento criar-se-á uma situação análoga entre o mecanismo criado por Jeremy Bentham e as redes sociais, em especial, o *Facebook*. Conclui-se que, ao contrário do que se pensa, o *Facebook* é composto por ferramentas que possibilitam a observação, controle e autocensura dos seus próprios usuários, pois, como no panóptico, o indivíduo sabe que está sendo observado, mas não sabe quem é o observador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Panóptico. Controle. Facebook

## 1.Introdução

O crescimento gradual do uso do *Facebook* e demais redes sociais conectadas à internet possibilitou novas formas e processos de comunicação. Neste contexto, velhas e novas práticas sociais afloraram no universo das redes *on-line*. Entre elas, se faz presente a violência simbólica que, segundo Bourdieu, é uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Utilizar as redes sociais parece inofensivo para alguns usuários, entretanto, a incitação à violência no *Facebook* – uma rede social que tem a possibilidade de alcançar milhões de pessoas –, pode ser capaz de transformar a realidade de determinados indivíduos e não raramente de forma irreversível a construção de uma cidadania e de uma sociedade igualitária e justa.

Na sociedade pós-moderna com valores líquidos e mutáveis (BAUMAN, 2005), a violência se faz presente nos mais diversos níveis sociais. Contudo, determinados grupos se encontram em posições de maior vulnerabilidade, pois “uma das causas centrais da violência na contemporaneidade é a negação da diferença. O não reconhecimento do outro como pessoa” (MAGALHÃES; SOUZA, 2011, p. 54). Entre estes grupos em estado de vulnerabilidade encontram-se as mulheres, os homossexuais e a comunidade negra.

Pretende-se neste estudo refletir sobre o Panóptico enquanto instrumento utilizado como um dispositivo de visibilidade e controle social, um instrumento de exercício de poder.

Em um segundo momento criar-se-á uma situação análoga entre o mecanismo criado por Jeremy Bentham e as redes sociais, em especial, o *Facebook*. Utilizaremos como pressuposto teórico os estudos de Bentham (2000).

## 2. Referencial teórico

O Panóptico de Bentham projetava uma nova arquitetura de vigilância e controle disciplinar destinada a escolas, prisões, manicômios e asilos (MILLER, 2008). Em seu projeto, Bentham descreve que o prédio deveria ser circular com uma torre no ponto central, pois assim poderia observar as celas construídas ao seu redor. Cada cela teria duas janelas, pois desta forma a luz atravessaria o ambiente possibilitando a panóptica visão total e em qualquer lugar das celas. A torre de observação, ou seja, a panóptica seria arquitetada com grandes e largas janelas para que os vigilantes pudessem ver toda movimentação dentro das celas. No entanto, as janelas dentro da central panóptica seriam cobertas por biombos que impediam que os prisioneiros percebessem que estavam sendo vigiados. Desta forma, quem observasse nunca seria visto, assim como o observado nunca veria e estaria hipoteticamente em frequente observação.

É bem assim que Bentham o entende: com apenas algumas adaptações de detalhe, a configuração panóptica servirá tanto para prisões quanto para escolas, para as usinas e os asilos, para os hospitais e as workhouses. Ela não tem uma destinação única: é a casa dos habitantes involuntários, reticentes ou constrangidos. Do ponto central, o espaço fechado é visível de parte a parte, sem esconderijos, a transparência é perfeita. Nos pontos situados sobre a circunferência das celas tudo se inverte: impossível olhar para fora, impossível se comunicar com o ponto vizinho, impossível distinguir o ponto central (MILLER, 2008, p. 90).

A ferramenta panóptica se configura como uma importante tecnologia política que tem como funcionalidade manter o controle e a ordem social. Para Bentham (2000), o mecanismo panóptico torna-se mais potente à medida que diminui o número de quem o opera e multiplica o número dos receptores da sua ação. Essa “intensificação do aparelho do poder assegura economia e eficácia no caráter preventivo, dando continuada funcionalidade nos mecanismos automáticos de sugestão subjetiva” (FOUCAULT, 1987, p. 170).

### 2.1 Facebook

As tecnologias, a comunicação e as emergentes relações de sociabilidade certamente não são as únicas, mas, sem dúvida, as mais visíveis características do nosso tempo. As redes sociais digitais despertaram uma sequência de novos fenômenos nas modalidades de comunicação e interação entre as pessoas e as informações que são propagadas, adaptadas e configuradas para seus receptores, contudo, os novos mecanismos de comunicação não

deixaram de atuar e constituir-se como ambiente de trocas e mediação social. A mídia segundo Thompson é constituída através de seu poder simbólico, caracterizada pela “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 24).

Através das concepções de Bauman (2005) quando afirma que os acontecimentos no mundo contemporâneo se tornaram transitórios, fluidos e nômades, podemos utilizar as ideias de Thompson (1998) em relação ao poder simbólico da mídia para caracterizar a pluralidade dos arranjos das mídias sociais pós-modernas. (Re)significando estas palavras, a nova conjuntura que se apresenta é marcada pela otimização de interações propiciadas pelas mídias sociais as quais Sodré denomina de tecnocultura caracterizada pelo consumismo, individualismo e surtos homofóbicos, xenofóbicos, misóginos e racistas.

Uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Implica, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com o que se tem convencionalmente designado como verdade, ou seja, uma outra condição antropológica. (SODRÉ, 2010, p. 27).

A rede social *Facebook* foi inventada em 2004 por David Zuckeberg, acidentalmente depois que ele invadiu os computadores da Universidade de Harvard em busca de fotos das alunas. Depois de uma suspensão de seis meses, ele aperfeiçoou a rede tal como a conhecemos hoje. Não deixa de ser irônico que a rede tenha surgido a partir de uma ação invasiva em torno da intimidade de pessoas. Não deixa também de ser irônico o fato de que a vontade de um só em controlar informações e dados para seu próprio benefício, tenha criado uma rede tão poderosa de acesso a toda sorte de mecanismos invasivos e controladores. De imediato, a rede serviu aos estudantes das universidades americanas, aparentemente sem chances de se tornar o que se tornou. S  aos poucos é que o acesso foi sendo liberado para universidades de outros países, até que em 2006 foi aberta ao público em geral. Os dados deste imenso panóptico são sintomáticos. A quantidade de acessos e de novos usuários no site s  cresce. De acordo com matéria publicada pela revista *Veja*, versão *on-line*, em fevereiro de 2014, quando o site completou 10 anos:

Hoje, o *Facebook* tem 1,23 bilhão de usuários, recebe diariamente 4,75 bilhões de conteúdos, fatura 7,8 bilhões de dólares ao ano e possui 6.336 funcionários espalhados em 36 escritórios ao redor do planeta. Nessa década, chegou aonde nenhuma outra rede virtual ousou ir (*MySpace* que o diga...) e superou grandes desafios, como a migra o acelerada dos usuários dos tradicionais desktops para os dispositivos móveis (VEJA ON LINE, 2014).

Juntos, os usuários consomem 1500 bilhões de minutos por mês acessando o *Facebook*, e, na média, cada usuário tem 230 amigos. Atualmente existem mais de 1,5 bilhão

de usuários ativos, os quais acessam o *Facebook* através de seus dispositivos móveis duas vezes mais que os usuários de desktop (VEJA ON LINE, 2014).

Constituindo uma das ferramentas mais usadas no mundo, o *Facebook* pode ser caracterizado como um panóptico do mundo contemporâneo, pois, segundo Miller (2008, p.89), “o Panóptico não é uma prisão. É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas”.

Desta forma, as postagens corriqueiras, os *likes* (curtir), fotos, compartilhamentos e outras ferramentas disponibilizadas pelo *Facebook* favorecem a vigilância e o controle social. Entretanto, como no Panóptico de Bentham, “tudo nele será então pesado, comparado, avaliado. Tudo será localizado. Tudo será discutido. Tudo terá um sentido explicitável. O mundo, nesse lugar, será de cabo a rabo dominado. Não há detalhes de que o discurso não se encarregue” (MILLER, 2008, p.92).

Cabe, portanto, nesta perspectiva questionar o senso comum que impera na sociedade contemporânea sobre a ideia de que “*a internet é uma terra sem lei*”. Desta forma, vale lembrar que as características basilares do Panóptico são: posição central da vigilância e sua invisibilidade. Partindo desta perspectiva, quem pratica o ato de postar comentários no *Facebook* assume o papel de observado, mas, como no Panóptico, não sabe quem o observa.

Se posso discernir o olhar que me espia, domino a vigilância, eu a espio também, aprendo suas intermitências, seus deslizos, estudo suas regularidades, posso despistá-la. Se o Olho está escondido, ele me olha, ainda quando não me esteja vendo. Ao se esconder na sombra, o Olho intensifica todos os seus poderes – e a economia ainda ganha com isso, pois o número dos que suportam a função de vigilância pode ser reduzido na medida dessa intensificação. Assim, a aparente onipresença do inspetor [...], se combina com a extrema facilidade de sua presença real (MILLER, 2008, p. 91).

Recentemente atrizes e jornalistas negras da *Rede Globo* foram vítimas da proliferação do discurso de ódio nas redes sociais, em especial do crime de racismo. Na ocasião uma série de perfis *fakes* e autênticos destilaram nas fotos das personalidades comentários que ofendiam sua raça, cultura e dignidade humana. Segundo a revista *Pragmatismo Político*, as vítimas foram até a Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DRCI), no Rio de Janeiro. De acordo com a Polícia Civil, um inquérito foi instaurado, as investigações estão em andamento e os autores estão sendo identificados e serão intimados para depor.

A vista disso, o *Facebook* inserido em uma sociedade líquida, mutável e flexível usando os conceitos de modernidade defendidos por Bauman (2005) resulta em um sentimento de impunidade, liquidez e que as ações não provocam consequências. Entretanto, como no modelo benthamiano, o *Facebook* é “um nó em que se entrecruzam várias redes. Toda causa tem ali vários efeitos. Inversamente, cada efeito é reforçado no que é produzido por várias causas. Cada peça da montagem é um cruzamento de utilidades, atravessado por múltiplas cadeias causais” (MILLER, 2008, p. 95).

### 3. Conclusão

Segundo Gadotti (2000), a sociedade vem sofrendo mudanças a grandes e graduais passos. Mudanças essas que influenciam profundamente nosso cotidiano. Uma grande quantidade de novas informações, conhecimentos e valores são produzidos e ofertados à humanidade a todo instante, em tempo real. Vivemos em uma sociedade conectada.

O mundo *on-line* em uma visão superficial pode parecer alheio ao mundo real, pois possibilita facilidades, agilidade, encontros rápidos, companhias para a solidão do mundo real e até mesmo uma certa proteção e invisibilidade para que os de caráter duvidoso propaguem a ciberviolência. Entretanto, a cada dia os mecanismos de controle, coerção e ordem desenvolvem ferramentas para interromper as ondas de violência que rodeiam as redes sociais. Tais atos podem ser visíveis nos esforços das corporações policiais e das instituições destinadas aos crimes cibernéticos.

Torna-se axiomática a relação entre o *Facebook* e o mecanismo de controle, observação e ordem social proposto por Bentham e aperfeiçoado, na análise, por Foucault. Em ambos os casos os observados sabem que estão sendo analisados, mas não sabem por quem e por quais motivos, pois na verdade o panóptico é “o espaço do controle totalitário” (MILLER, 2008, p.92). Entretanto, o *Facebook* funciona como um mecanismo panóptico binário, pois ao mesmo tempo em que o indivíduo observa as postagens do outro ele também está sendo observado. Gerando, portanto, uma autocensura e contribuindo para com um controle mundial do pensamento e da opinião.

### 4. Referências

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENTHAM, Jeremy. O panóptico ou a casa de detenção. In: SOUZA, Tomaz Tadeu de (Org.) O panóptico. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes. 1987.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000

MAGALHÃES, J. L. de; SOUZA, T. R.. Violência e modernidade. In: ROSÁRIO, A. B; KYRILLOS NETO, F; MOREIRA, J. O (Org.). **Faces da violência na contemporaneidade:** sociedade e clínica. Barbacena: EdUEMG, 2011.

MILLER, Jacques - Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: SOUZA, Tomaz Tadeu de (Org.) **O panóptico.** Belo Horizonte : Autêntica, 2008.

PRAGMATISMO POLÍTICO. **Vítima de racismo, Tais Araújo é ironizada por colega da Globo.** <[www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/vitima-de-racismo-tais-araujo-e-ironizada-por-colega-da-globo.html](http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/vitima-de-racismo-tais-araujo-e-ironizada-por-colega-da-globo.html)> Acesso em: 30-04-2016

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VEJA ON LINE (Brasil). **Facebook, 10 anos.** 2014. Disponível em: <  
<http://veja.abril.com.br/reportagens-especiais/10-anos-facebook/>> Acesso em: 29-04-. 2016.